

ARTIGO

Linguística textual, contrato comunicativo e tecnodiscursividade: análise do processo de rolagem infinita em sequências de postagens no *Instagram*

Text linguistics, communicative contract and tecnodiscursivity: analysis of infinity scrolling process in sequences of posts on Instagram

Valdinar Custódio Filho 
Débora Liberato Arruda Hissa 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
E-mails: valdinar.filho@uece.br; debora.arruda@uece.br

RESUMO: Este artigo propõe uma análise do processo de rolagem infinita efetivado em plataformas de mídias digitais a partir de critérios da linguística textual em suas interfaces com a proposta de contrato comunicativo (CHARAUDEAU, 2012) e tecnodiscurso (PAVEAU, 2021, entre outros trabalhos). Parte-se da convicção de que a coerência textual é apreendida a partir de um conjunto complexo de fatores, daí a necessidade de diálogos interdisciplinares (CAVALCANTE *et al.*, 2020, 2022). Essa interlocução é particularmente importante para a análise de textos nativos digitais (PAVEAU, 2021), para o que é imperioso considerar as condições de tecnodiscursividade, dentre elas a deslinearização. Partimos da hipótese de que a descrição, no seio da linguística textual, da rolagem infinita se reverte de particularidades ainda não apontadas pelos estudiosos. Para tanto, analisamos dois feeds (cada um com vinte postagens) decorrentes de duas ações de navegação na plataforma *Instagram*. Os dados foram analisados em comparação com o processo de hiperlinkagem, para o qual são relevantes a intertextualidade e a continuidade temática (CAVALCANTE *et al.*, 2022). Uma vez que essas duas estratégias não promovem os mesmos efeitos na rolagem infinita, há mudanças consideráveis em relação à deslinearização e ao papel do interlocutor no contrato comunicativo.

PALAVRAS-CHAVE: Textualização, Contrato comunicativo, Tecnodiscursividade, Deslinearização, Rolagem infinita.

COMO CITAR

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar;
HISSA, Débora Liberato
Arruda. Linguística textual,
contrato comunicativo e
tecnodiscursividade: análise
do processo de rolagem
infinita em sequências de
postagens no *Instagram*.
Revista da Anpoll, v. 54, n. 1,
e1884, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1884>

ABSTRACT: This article aims to analyze the process of infinite scrolling performed on digital media platforms based on criteria of textual linguistics in its interfaces with the communicative contract (CHARAUDEAU, 2012) and the technodiscourse (PAVEAU, 2021, among other works). It is based on the conviction that textual coherence is inferred from a complex set of factors, hence the need for interdisciplinary dialogues (CAVALCANTE *et al.*, 2020, 2022). These dialogues are particularly important for the analysis of digital native texts (PAVEAU, 2021), for which it is imperative to consider the conditions of technodiscursivity, particularly the delinearization. We start from the hypothesis that the description of infinite scrolling based on text linguistics criteria shows some aspects not yet pointed out by scholars. For that, we analyzed two feeds (each one with twenty posts) resulting from two navigation actions on Instagram platform. The data were analyzed in comparison with the hyperlinking process, for which intertextuality and thematic continuity are relevant (CAVALCANTE *et al.*, 2022). Since these two strategies do not promote the same effects in infinite scrolling, there are considerable changes in relation to delinearization and the interlocutor's role in the communicative contract.

KEYWORDS: Textualization, Communicative Contract, Tecnodiscursivity, Delinearization, Infinity Scrolling.

1 Considerações iniciais

A inclinação da linguística textual (LT) para o estabelecimento de diálogos interdisciplinares advém da condição da coerência como um fenômeno macro (que abriga uma série de outros fenômenos), dotado de uma complexidade tal que demanda a consideração de elementos diversos para que haja explicações teóricas pertinentes e robustas. Há, então, um trabalho epistêmico da disciplina para, alimentando-se de contribuições de outras áreas, assumir princípios e relacioná-los com a construção de estratégias e procedimentos de textualização implicados na produção e compreensão de sentidos via textos. Neste artigo, seguindo os trabalhos recentes do grupo Prottexto¹, assumimos duas importantes contribuições: o contrato comunicativo (CHARAUDEAU, 2012) e a tecnodiscursividade² (PAVEAU, 2020a, 2020b, 2021).

Relacionamos esses construtos teóricos ao modo como as estratégias de intertextualidade e continuidade temática (esta última fundamental para a articulação tópica) são modificadas no processo tecnodiscursivo de rolagem infinita, dispositivo sociotécnico de interação presente em mídias digitais plataformizadas. Nossa hipótese é que esse processo comporta aspectos ainda não contemplados pela deslinearização proposta por Paveau (2021) para os textos nativos digitais nem pelo contrato comunicativo, no que concerne ao papel do interlocutor. Desse modo, o reconhecimento de como a textualização ocorre na rolagem infinita impacta o processo de construção da coerência dos usuários das plataformas digitais.

Para efetivar essa proposta de investigação, construímos as seções deste artigo de modo a evidenciar as relações interdisciplinares. Na fundamentação teórica (seções 2, 3 e 4), mostramos, respectivamente, as relações entre linguística textual e contrato comunicativo, linguística textual e tecnodiscursividade, contrato comunicativo e tecnodiscursividade. Na análise e

¹ Grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenado pela professora Mônica Magalhães Cavalcante.

² Cavalcante *et al* (2022) optam pelo uso de “tecnodiscursividade” em vez de “tecnodiscurso” (termo empregado por Paveau e seguidores) por entenderem que o termo sugerido é mais apropriado para a ideia de condição constitutiva das práticas languageiras, eivada de processos diversos e altamente dinâmicos.

discussão (seção 5), as subseções foram organizadas com vistas a demonstrar como a rolagem infinita impacta as estratégias de textualização selecionadas, a deslinearização e os contratos comunicativos firmados nas interações por meio das plataformas de mídias digitais.

2 A linguística textual e o contrato comunicativo

O contrato comunicativo, construto teórico da semiolinguística, propõe uma explicação para a ação dos sujeitos participantes dos atos de comunicação. Uma vez que esses atos são fundados na realidade institucional das relações sociais, o papel dos sujeitos é definido a partir de parâmetros discursivos, definidores de quem tem o direito à palavra (CHARAUDEAU, 2012) e de como se deve aplicar esse direito. Conforme Charaudeau (2012, p. 2), “Essas normas [das práticas institucionalizadas], em geral, resultam do fenômeno de regulação das trocas comunicacionais do cotidiano, regulação que acaba instaurando práticas nas quais os membros de uma mesma comunidade cultural se reconhecem.” Esse reconhecimento, no contrato, pressupõe que os sujeitos se pautem por um conjunto de quatro princípios: interação, pertinência, influência e regulação. Para os propósitos da análise deste artigo, interessam, particularmente, o primeiro e o terceiro princípios.

O princípio de interação salienta a troca comunicativa, de natureza não simétrica, entre os sujeitos. A troca é não simétrica na medida em que é definido, em cada ato, o papel de quem terá direito à palavra (o locutor) e de quem interpretará a palavra (o interlocutor)³. É importante, nessa definição, o verbo “interpretar” para indicar a ação do interlocutor: ele se engaja no ato comunicativo para imprimir sentido ao que propõe o locutor e, nesse movimento, confirma o direito à palavra deste. Uma vez que, do lado do locutor, o “projeto de dizer”⁴ é concretizado com base no que o interlocutor poderá interpretar, “instaura-se entre esses dois parceiros uma espécie de ‘olhar avaliador’ recíproco que legitima o outro no seu papel de sujeito que comunica” (CHARAUDEAU, 2012, p. 3).

O princípio de influência abarca a condição intrínseca de qualquer ato que é a busca por afetar o interlocutor, gerar nele alguma reação, condizente, pelo menos a princípio, com o que espera o locutor. Charaudeau (2012) pontua que a influência faz que o locutor utilize “estratégias de palavra”, a partir da imagem que cria do interlocutor, para atingi-lo. Para o autor (CHARAUDEAU, 2012, p. 4), “todo ato de comunicação é uma luta para o controle dos objetivos da comunicação”; esse controle firma que as interações languageiras são, sempre, finalisticamente orientadas.

³ Trata-se, aqui, de uma visão bastante simplificada que, quando pormenorizada, mostra que, a depender do gênero discursivo empregado, há, por exemplo, troca de papéis em um mesmo ato. Para os objetivos deste artigo, a versão simplificada é suficiente.

⁴ O termo empregado por Charaudeau (2012, p. 4) é “projeto de palavra”, que corresponde a uma proposta de sentido da parte do locutor com vistas a influenciar o interlocutor. Isso guarda correspondência com a intencionalidade de Beaugrande e Dressler (1981), entendendo-se que não se trata, pura e simplesmente, do desejo individual de um emissor dotado de uma vontade independente das restrições sociais.

A configuração do contrato comunicativo casa com os propósitos da LT atual, que compreende o processo de textualização a partir de um princípio maior: o de que os textos se concretizam em eventos singulares para atender, em última instância, a uma dimensão argumentativa constitutiva, orientada discursivamente⁵ (CAVALCANTE *et al.*, 2020, 2022).

Por um lado, tem-se que o status de locutor e interlocutor, necessário para a consecução do princípio de interação, se define, em ampla medida, pelas condições sociais em que um dado ato de comunicação acontece. Logo, os papéis assumidos se organizam em torno do que os sujeitos podem/devem fazer, o que, em última instância, se pauta pelas relações de poder ideologicamente marcadas. Há, portanto, restrições importantes determinantes da ação pela linguagem.

Por outro lado, o princípio de influência garante que o ato comunicativo se estabelece mediante intencionalidades. Dentro das restrições impostas pelas práticas institucionalizadas, há espaço para a atuação do locutor em relação ao que pretende concretizar como efeito para a interpretação do interlocutor. Para isso, há que se empregar estratégias, selecionando recursos manifestadores da textualização.

Vê-se, assim, que a coerência – resultado do trabalho conjunto dos participantes legitimados de uma interação – se constrói por meio da utilização de estratégias de textualização, significativas a partir de parâmetros contextuais diversos e definidas mediante o equilíbrio entre as restrições institucionais e uma proposta de influência. As pesquisas em LT devem, portanto, explicar o funcionamento das diferentes estratégias, ou seja, dos recursos linguageiros mobilizados para que os sentidos se manifestem.

3 A linguística textual e a tecnodiscursividade

No que toca à tecnodiscursividade, tomamos como ponto de partida a perspectiva pós-dualista de Paveau (2020a). A pesquisadora francesa sustenta o entendimento de que aspectos cognitivos, compreendidos em uma dimensão social de funcionamento da mente, se imbricam a condições culturais de tal maneira que “Os grandes dualismos (mente/mundo, intelecto/afeto, fato/valor, homem/máquina, homem/animal etc.) são retrabalhados e questionados” (PAVEAU, 2022a, p. 17).

Nesse âmbito, “a linguística e, em particular, a teoria do discurso poderiam estender a definição de linguageiro, enriquecendo-a com material social, cultural, ambiental, objetivo etc.” (PAVEAU, 2022a, p. 21). A partir disso, as diferentes linguagens (verbal, visual, sonora) não são, por si, sistemas semióticos. Se elas significam, é porque a materialidade simbólica linguageira que carregam se constrói em contextos. Há que se considerar, portanto, que elementos exteriores aos sistemas linguageiros respondem pela configuração de ambientes de significação determinantes para o funcionamento da linguagem.

⁵ A ideia advém da proposta de Amossy (2018) sobre a argumentação no discurso.

Dá Paveau (2020a, 2020b) sustentar que as tecnologias digitais não podem ser vistas como aspecto secundário nas análises linguísticas. O modo como o ambiente digital se configura acarreta uma série de condições – materiais, cognitivas, discursivas, languageiras – que impactam os processos de significação. As formulações discursivas, constituídas pelas e constituinte das interações, portanto, resultam da complexa relação não dualista entre os seres humanos e os artefatos tecnológicos. Por isso, “uma investigação da interação em contexto digital on-line precisa direcionar a mesma importância analítica tanto para aspectos linguísticos quanto para aspectos tecnológicos” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 82).

Paveau (2021) pontua as seis principais características dos discursos nativos digitais: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Interessa para este artigo a deslinearização. Esta compreende a possibilidade de um interlocutor, participando de uma interação por meio de um texto digital, acessar, por meio de hiperlinks, novos textos⁶, sem que necessariamente tenha concluído a “leitura”⁷ do texto inicial. A movimentação diversificada possibilitada pela clicagem nos hiperlinks potencializa uma modificação da prática de “leitura”, garantindo ao interlocutor tecnodiscursivo certa autonomia quanto à forma de contato com os textos.

As interações tecnodiscursivas acarretam questões relevantes para as investigações em LT, seja porque as estratégias de textualização podem ser manifestadas por recursos linguageiros diversos (alguns exclusivos do contexto digital, como as tecnopalavras – botões de reação, termos com hashtag, dentre outros), seja porque essas mesmas estratégias podem ser utilizadas para explicar alguns procedimentos tecnodiscursivos. No que diz respeito à deslinearização, é possível reconhecer com mais propriedade duas estratégias: a intertextualidade⁸ e a continuidade temática

A intertextualidade se percebe na propriedade dos hiperlinks de promover relações específicas entre dois textos, a qual se reverte de algumas particularidades. Atentemos para a sequência das imagens a seguir (Figuras 1-3).

⁶ Está se considerando, neste artigo, para fins de recorte investigativo, o hiperlink que ocorre no enunciado de um dado texto, cuja função é diferente, por exemplo, de hiperlinks presentes nos menus de um site ou de hiperlinks que encaminham para uma outra posição dentro de um mesmo texto.

⁷ As aspas são utilizadas para indicar que não se trata, exclusivamente, da interação por meio de textos verbais. Há “leitura” (ou seja, ação para a compreensão) de textos visuais, sonoros, audiovisuais, verbosuais etc.

⁸ Sobre a descrição da intertextualidade como estratégia de textualização, ver Carvalho (2018).

No caso do Twitter, a interpretação da corte foi que a ação deveria ser encerrada por falhas nas provas apresentadas pela família de Alassaf, que alegava que a rede social teria servido “intencionalmente qualquer ajuda substancial ou participado conscientemente do ataque”, como [registrou](#) o site G1.

Já a ação contra o Google foi enviada a um tribunal inferior para novo julgamento. A Justiça entendeu que ela foi enfraquecida diante da decisão anterior. O jornal Folha de S.Paulo [explicou](#) que a Corte não abordou o [artigo da lei](#) que trata sobre a responsabilidade das redes, apenas tratou do incentivo ao terrorismo nos casos.

A Seção 230 foi aprovada em 1996, bem antes das redes sociais existirem. Ela faz parte da chamada Lei de Decência nas Comunicações e isenta as plataformas de internet da responsabilidade sobre o que é publicado por terceiros. O jornal Estado de S.Paulo [explicou](#) como funciona o dispositivo legal.

Figura 1 – Trecho de notícia (jornal Nexo)⁹

WASHINGTON Em uma vitória para as plataformas de redes sociais, a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu a favor do Twitter e do Google em [processos que argumentavam que as companhias deveriam ser responsabilizadas por incentivar o terrorismo](#) ao abrigarem conteúdos pró-Estado Islâmico.

A expectativa era que uma decisão contrária às redes abriria um precedente para permitir que as empresas fossem processadas por conteúdos publicados por usuários. [Isso poderia mudar a internet no mundo todo](#), uma vez que essas companhias têm sede nos Estados Unidos.

[Críticos argumentavam que seria uma violação à liberdade de expressão](#), enquanto [especialistas do outro lado afirmavam que as redes não poderiam ser blindadas de responsabilização](#) por abrigarem discurso de ódio e conteúdo violento e extremista, além de empurrarem usuários para a radicalização por meio de recomendações de algoritmos.

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro.

SEGUIR

FOLHAJUS · INTERNET · YOUTUBE

Suprema Corte dos EUA pode mudar a internet

Pais de jovem assassinada por terroristas em Paris pedem que Google seja responsabilizado por vídeos radicais postados no Youtube

SÃO PAULO Quem reclama de “ativismo judicial” no Brasil deveria dar uma olhada no caso Gonzalez vs. Google, que a Suprema Corte dos EUA está julgando. Esse caso pode literalmente mudar a história da internet tal qual a conhecemos. Ele pode revogar ou alterar significativamente um dos dispositivos legais que permitiram o crescimento acelerado (e

Figura 2 – Trecho de notícia (Folha de SP)¹⁰

Figura 3 – Trecho de artigo de opinião (Folha de SP)¹¹

A sequência mostra um trajeto de navegação possível para um usuário. Inicialmente, acessa-se uma notícia do jornal Nexo, cujo título é “EUA isentam big techs de responsabilidade por publicações”. Durante a leitura, a partir dos hiperlinks presentes no próprio corpo do texto (sublinhados de azul), escolhe-se clicar na palavra (ou, no dizer de Paveau, 2020b, na tecnopalavra) “explicou”, o que remete à notícia “Suprema Corte dos EUA decide a favor de big techs em processo por incentivo ao terrorismo”, do jornal Folha de São Paulo. Neste novo texto, há novos hiperlinks à disposição (destacados em azul). Selecionando-se o enunciado (ou, no dizer de Paveau, 2020b, o tecnossegmento) “Isso poderia mudar a internet no mundo todo”, abre-se um novo texto – o artigo “Suprema Corte dos EUA pode mudar a internet” no mesmo jornal.

⁹ Publicado em 18 maio 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2023/05/18/EUA-isentam-big-techs-de-responsabilidade-por-publica%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 21 maio 2023.

¹⁰ Publicado em 18 maio 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/05/suprema-corte-dos-eua-decide-a-favor-de-big-techs-em-processo-por-incentivo-ao-terrorismo.shtml>. Acesso em: 21 maio 2023.

¹¹ Publicado em 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2023/02/suprema-corte-dos-eua-pode-mudar-a-internet.shtml>. Acesso em: 21 maio 2023.

Percebe-se intertextualidade entre o primeiro e o segundo texto e entre o segundo e o terceiro texto na medida em que se cria uma relação entre duas materialidades textuais. A diferença em relação aos processos intertextuais habituais é que não há, em princípio, a manifestação de intertextualidade por meio dos processos usuais de citação, paráfrase ou alusão. Um hiperlink não precisa mencionar ou aludir a um outro texto para que a relação intertextual se estabeleça¹² – o que garante a relação é o gesto tecnolinguageiro de clicar ou de tocar a tela. Além disso, ao criar um hiperlink, o locutor estabelece para o interlocutor a possibilidade de que este seja encaminhado para a interação com outro texto. Essa sugestão de contato com o outro texto não é colocada como condição essencial para a intertextualidade em textos não nativos digitais.

Há que se levar em conta, ainda, que o procedimento de hiperlinkagem se pauta por algum nível de relação temática entre dois textos. Na sequência em análise, o tema é um julgamento na Suprema Corte Norte-americana no qual figuram como réis as plataformas *Google* e *Twitter*. Há, entre os textos, certo grau de continuidade. Claro que não se pode considerar essa continuidade como semelhante ao que Charolles (1988) propõe como metarregra de coerência, que contempla a manutenção de um tema em um único texto, revelada por recursos coesivos, e que, conforme reforça Sá (2018), é fundamental para a organização tópica (novamente, de um único texto). Não é teoricamente viável assumir que dois ou mais textos, produzidos a partir de projetos de dizer distintos, estando ligados por hiperlinks, se submetam a uma única organização tópica que os interconecte. Há, contudo, uma ligação temática resultante da hiperlinkagem, a qual fala em favor de uma continuidade e de uma organização que deve ser cara para a construção dos sentidos pelo interlocutor.

4 O contrato comunicativo e a tecnodiscursividade (à luz da LT)

As condições estabelecidas pela tecnodiscursividade, como não poderia deixar de ser, trazem implicações para a participação dos sujeitos nos contratos comunicativos de interações no ambiente digital e, conseqüentemente, para as ações que tais sujeitos empreendem com o fito de construir a coerência. Embora as interações digitais sejam bastante diversas entre si, mediadas por diferentes gêneros ou compósitos, e ainda que isso implique diferentes contratos comunicativos, é razoável supor que a deslinearização (bem como as demais características tecnodiscursivas) gera implicações em alguma medida recorrentes nas diferentes interações.

Tratemos, então, de como a deslinearização impacta a atuação do locutor e do interlocutor. Paveau (2020b, p. 41), ao tratar do que chama de “discurso hipertextualizado”, pontua que “a abordagem interna do produtor do discurso ou do leitor [para nós, locutor e interlocutor, respectivamente] deve antes insistir na materialidade do gesto criador do hipertexto (*processo técnico* para o produtor e *manipulação* para o leitor)” (grifos nossos). Elegendo o hiperlink como definidor das práticas interacionais digitais, a autora (2020b, p. 51) considera que esse elemento “constitui uma suspensão ou um desvio na ordem linear da discursividade, tanto na produção quanto na recepção.”

¹² Como diz Paveau (2020b, p. 49), “o hipertexto não cita, ele abre”.

Sob a alçada do produtor/locutor, Paveau (2020b) considera, como se vê na citação do parágrafo anterior, que a ação se trata de um processo técnico. A autora cita as etapas, mediadas por recursos tecnológicos, necessárias para a criação de um hiperlink e nada diz (porque não é esse seu objetivo) sobre como esse processo se relaciona ao projeto de dizer do locutor. De nossa parte, entendemos que há dois fatores textual-discursivos a ser considerados.

Primeiro, há, por parte do locutor, a definição sobre o que de um texto deve ser hiperlinkado, o que está relacionado, entre outros aspectos, a restrições e possibilidades ligadas ao gênero discursivo (ou seja, não é qualquer palavra ou trecho que merece ganhar o estatuto de hiperlink) e à necessidade de se atender ao que se espera em relação à intertextualidade e continuidade conforme se apontou anteriormente. Segundo, há a consciência de que o hiperlink abre para o interlocutor a possibilidade de passar a um novo texto sem que se tenha concluído a leitura do texto “original”; isso implica que o interlocutor pode “abandonar” o texto antes de completar a “leitura”, e talvez isso interfira na consecução do projeto de dizer do locutor.

Sob a alçada do leitor/interlocutor, Paveau atribui um processo de manipulação: o usuário, diante dos hiperlinks, pode definir sua navegação na rede, criando percursos de sentido não previstos pelos locutores dos textos com os quais interage. Isso pode ser evidenciado a partir da descrição da interação concernente à sequência de imagens propostas na seção anterior. O percurso sugerido foi um dentre muitos. Outros usuários poderiam entrar em contato com qualquer um dos textos e, a partir da escolha de quais hiperlinks acessar, gerar novos percursos.

O contato com textos diversos resulta em uma proposta de sentidos, mais ou menos integrados, a qual não é possível (obviamente) por meio da “leitura” de um único texto e a qual resulta do caminho potencialmente singular de cada usuário. Esse processo é bem sintetizado por Clément (2005, *apud* PAVEAU, 2020b, p. 53): “um ator humano interage com informações que ele faz nascer de um percurso e que modificam em troca suas representações e suas demandas”.

Há, nessa visão, a convicção de que a prática de compreensão no ambiente digital permite ao interlocutor maior participação no processo de construção de sentidos. Paveau (2020b, p. 50) afirma, sobre isso, que “cada leitor toma as decisões que deseja”, o que garante aos indivíduos o estatuto de escritor ou, mais apropriadamente, de produzidor. O interlocutor passa a ser, nessa visão, um coconstrutor dos sentidos. Ainda que possam ser feitas ressalvas sobre isso – tanto porque a leitura, independentemente de ocorrer no ambiente digital, é constitutivamente um processo de coconstrução¹³ quanto porque se assume uma liberdade tal do hiperleitor que talvez não condiga com o que efetivamente acontece¹⁴ –, é fato que a ação do interlocutor hipertextual sugere um movimento interpretativo, no mínimo, mais difuso, e, na visão dos entusiastas, potencialmente mais enriquecedor.

Tem-se, assim, que a ação de locutores e interlocutores nos contratos comunicativos permitidos por expressiva parte das interações no ambiente digital se reverte de particularidades definidas pelas condições de hipertextualidade. Nesse conjunto, as categorias analíticas da linguística textual, realizadoras da coerência, são importantes para a descrição mais efetiva

¹³ Cf., entre outros, Koch e Elias (2006).

¹⁴ Isso é válido se se considerar as muitas restrições sociais presentes em qualquer ato de linguagem, o que inclui as restrições institucionalizadas no ambiente digital.

da construção dos sentidos presentes nessas interações. Consideramos que essa articulação teórica é útil para descrever a interação, preponderante nas plataformas digitais, mediada pelo recurso da rolagem infinita, sobre o que tratamos na análise e discussão propostas a seguir.

5 O processo da rolagem infinita à luz da LT

O processo de rolagem infinita (*infinity scrolling*) corresponde ao ato tecnodiscursivo do usuário de mídias digitais de ir passando de uma à outra postagem, por meio do movimento de arrastar o dedo pela tela de aparelhos (celulares e tablets principalmente) sensíveis ao toque, quando interage com textos em plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*. Essa prática possibilita ao usuário de uma dessas plataformas entrar em contato com textos diversos a partir de um gesto físico-corporal rápido e simples. Os textos que chegam aos usuários, conforme ele vai “rolando” a tela, são definidos pelos algoritmos dos sistemas das mídias. Um dos objetivos desse recurso tecnológico é aumentar o tempo de permanência do usuário na respectiva plataforma, apresentando-lhe textos de seu interesse. Isso é importante na medida em que essa permanência é um critério definidor do ecossistema¹⁵ digital das plataformas.

A proposta deste artigo é analisar a textualização envolvida nesse processo, com o interesse de mobilizar categorias da linguística textual para interpretá-lo e, a partir disso, apontar suas especificidades e discutir as implicações destas para a prática dos usuários/interlocutores. Para tanto, analisamos duas situações de interação, correspondentes a dois perfis (pessoal e profissional) de um mesmo usuário na plataforma *Instagram*, na qual se deu o processo de rolagem infinita. Apresentamos, a seguir, os Gráficos 1 e 2 representativos do processo de navegação dos perfis, compreendendo 40 postagens¹⁶.

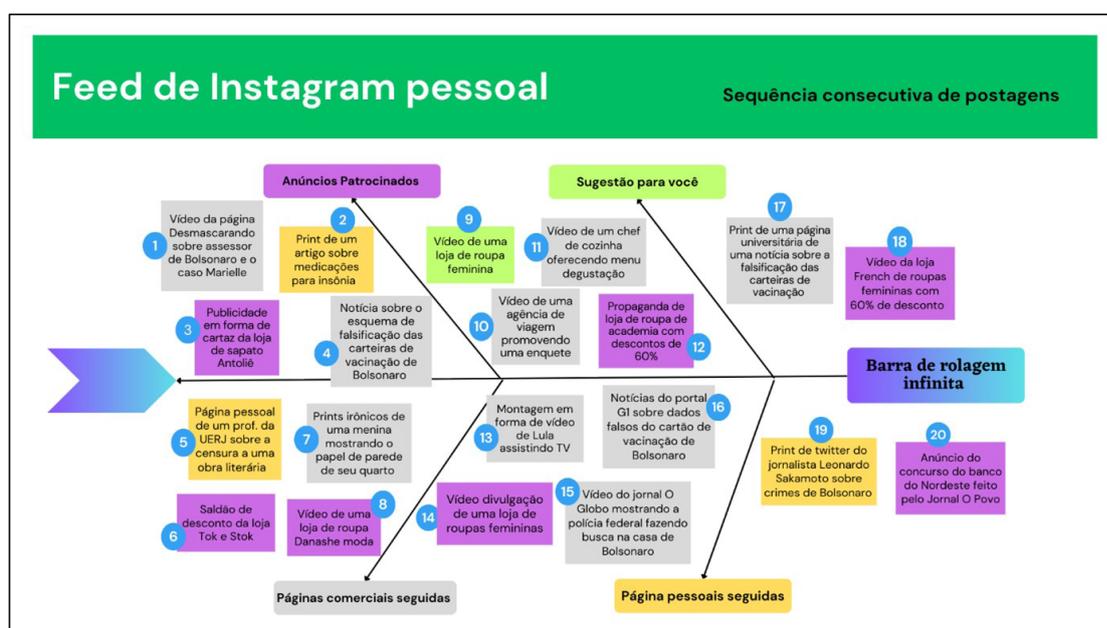


Gráfico 1 – Interação de usuário na plataforma *Instagram* por meio de rolagem infinita – Perfil Pessoal
Fonte: os autores

¹⁵ O termo é empregado por Paveau (2021).

¹⁶ Todas as 40 postagens foram colhidas no dia 3 de maio de 2023, das 15h até às 15h44m.



Figura 5 – Postagem de print de um artigo de opinião
Fonte: Instagram



Figura 6 – Postagem de anúncio publicitário de uma loja de sapatos
Fonte: Instagram

A análise da sequência de postagens revela que o processo de rolagem infinita promove uma configuração de interação distinta do que se advoga em relação ao que foi previamente apresentado sobre as estratégias de textualização efetivadas nos textos nativos digitais, sobre as condições tecnodiscursivas que regem a deslinearização e sobre o papel dos participantes de contratos comunicativos efetivados no ambiente digital. Tratemos de cada um desses aspectos.

5.1 Estratégias de textualização e rolagem infinita

No que toca à textualização, destacamos, na fundamentação teórica, a intertextualidade e a continuidade temática (esta última como condição determinante da articulação tópica). Ficou evidente que o modo como essas estratégias se concretizam nas interações digitais se pauta por um regime diferente, em virtude das condições tecnodiscursivas. A partir da análise das postagens dos feeds, pode-se perceber que há outras diferenças a serem destacadas, já que as duas estratégias não são mobilizadas do mesmo modo que no processo de hiperlinkagem. Vejamos, por exemplo, a sequência 15 a 19 (Figura 7) do feed de *Instagram* profissional (Gráfico 2):

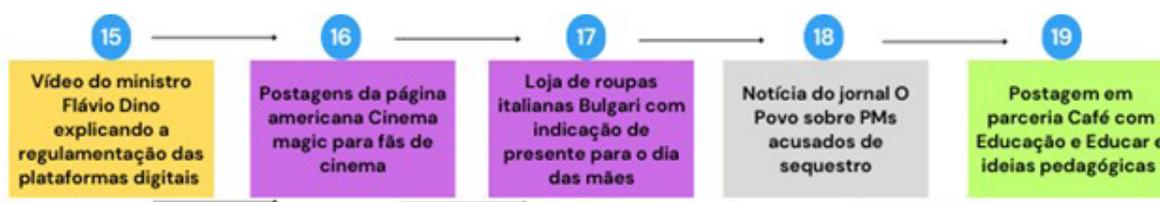


Figura 7 – Sequência de postagens 15 a 19 do Gráfico 2 (feed de *Instagram* profissional)

Fonte: os autores

Percebe-se, claramente, que, para cada par de textos consecutivos, o texto seguinte não guarda, com o texto anterior, qualquer relação intertextual ou relação de continuidade temática. Não há, também, na sequência completa, relações entre eles, considerando-se as estratégias pontuadas. Isso subverte, portanto, a lógica atribuída ao procedimento de hiperlinkagem habitualmente descrito, que, como vimos, investe nessas duas estratégias para organizar a produção e a compreensão dos textos. Desse modo, fica comprometido o papel do produzido, como se verá adiante. Por ora, interessa refletir sobre a construção da coerência no âmbito da rolagem infinita.

Uma questão a ser debatida é se a ausência de vínculo temático implica suspensão da coerência, o que acarretaria a execução de textos mal formulados e/ou o estranhamento por parte do interlocutor. Não parece ser o caso. Em primeiro lugar, é preciso considerar que cada postagem de um feed compreende um texto único, que se dá a conhecer na interação do locutor com o interlocutor e cuja coerência depende desse encontro, e não da relação com outros textos do mesmo feed. Ou seja, se há ou não coerência em cada texto, isso não se atesta pelo conjunto, mas pelo evento singular em que cada um se presentifica. Em segundo lugar, porque a ausência de vínculo temático não é o mesmo que a ausência de qualquer vínculo. As postagens que chegam ao usuário são definidas, como já se disse, pelo sistema de algoritmos da plataforma, que estabelece premissas das quais o interlocutor parece ser ciente. As postagens, além de serem reconhecidas a partir das quatro categorias presentes nos gráficos (o que já estabelece, num primeiro nível, um esquema interpretativo), são disponibilizadas a partir de interesses manifestados pelo usuário e capturados pelos algoritmos.

Sabedor de que o processo de rolagem infinita “distribuirá” as postagens a partir desses interesses, ainda que elas se revelem diversas entre si, os sujeitos que participam dessa situação de interação sabem que esse é o modo operacional, daí não haver estranhamento. O que não quer dizer, porém, que não haja questões problemáticas, e estas, como ainda apontaremos, se dão no plano das relações entre os usuários e a voz institucional que responde pelas plataformas.

5.2 Deslinearização e rolagem infinita

Paveau (2021, p. 145-146) considera dois tipos de “elementos tecnolinguageiros deslinearizadores”: as tecnopalavras (“nomes de contas de redes sociais, perfis do *Twitter*, resultados de pesquisa palavras consignas”, “tag, hashtag”) e os hiperlinks. Ocorre que a rolagem infinita promove um tipo de interação “deslinear” na qual esses elementos não estão presentes¹⁷. Por trás da hiperlinkagem e da rolagem infinita, há, portanto, diferenças que vão além da realização de dois gestos físicos distintos (respectivamente, considerando as telas sensíveis ao toque, o tocar e o arrastar de dedo).

Relembremos, inicialmente, que a perspectiva pós-dualista propõe que não se pode construir explicações que separem aspectos naturalmente imbricados. Partindo-se de uma conceituação de tecnologia discursiva “concebida como um dispositivo no qual a produção linguageira e discursiva estão *intrinsecamente ligadas* a ferramentas tecnológicas” (PAVEAU, 2020a, p. 29, grifo nosso), tem-se que as ferramentas tecnológicas passam a ser compreendidas não como meros objetos apenas, mas como parte constitutiva dos textos, dos discursos e dos sujeitos. Uma vez que a hiperlinkagem e a rolagem infinita compreendem processos técnicos distintos, há distinções tecnodiscursivas importantes entre elas (o grifo é proposital).

Esse posicionamento contribui para que pensemos em diferentes formas de prática discursiva deslinear, salientando que as condições experimentadas pela rolagem infinita não estão presente nos trabalhos de Paveau traduzidos para o português. Do mesmo modo que ocorre com as estratégias de textualização, a deslinearização também passa por outro entendimento, uma vez que a hiperlinkagem deixa de ser o único procedimento representativo desse fenômeno.

5.3 Contrato comunicativo e rolagem infinita

O procedimento de rolagem infinita, por meio das postagens presentes em um feed, impõe/evidencia uma instância decisória dos atos comunicativos que se encontra numa posição além daquela assumida pelo locutor; trata-se dos algoritmos¹⁸ reguladores das postagens.

Embora Charaudeau (2012) não defina o que vem a ser o “ato comunicativo”, é razoável supor, a partir dos princípios constitutivos elencados pelo autor, que esse ato corresponde à interação entre sujeitos os quais se comunicam por meio de um texto, havendo, portanto, uma relação forte entre os tipos de contrato possíveis e os gêneros textuais. Nesse panorama, não seria pertinente, em princípio, arregimentar o aparato teórico de Charaudeau para descrever o processo de interlocução por meio da rolagem infinita, já que, neste caso, há sempre um conjunto diverso de textos (um compósito), e não um único texto.

¹⁷ Nada impede que, numa situação de interação por rolagem infinita, o interlocutor, a partir do contato com um dos textos do feed, clique em um hiperlink desse texto. Isso não quer dizer, contudo, que a hiperlinkagem é parte constitutiva do processo de rolagem infinita.

¹⁸ Conforme opina Paveau (2021, p. 47), “Os algoritmos [...] devem, de fato, ser plenamente integrados à análise do discurso digital, pois fazem parte da composição híbrida das unidades linguageiras on-line e constituem uma parte das restrições discursivas on-line.”

Parece-nos importante, porém, que, na rolagem infinita, além do princípio da influência que define o projeto de dizer dos locutores de cada postagem, há um princípio de influência “superior”, de responsabilidade dos algoritmos. Não se trata, obviamente, de um locutor, mas há uma instância organizadora, que representa, por meio dos cálculos algorítmicos, uma “voz”, uma instituição, no caso, uma plataforma de mídias sociais (a qual, em nossa análise, corresponde ao *Instagram*). Portanto, nas plataformas, as interações não se caracterizam, apenas, pelo reconhecimento recíproco que locutor e interlocutor exercem. O que Paveau (2021, p. 44) diz sobre o *Facebook* é válido para as demais plataformas: “O Facebook [...] está longe de ser um lugar de conversação [apenas]; a rede é antes um lugar de forte determinismo discursivo, a partir de regras invisíveis sobre as quais o internauta tem pouca influência.”

Considerando, como já dito, que o mecanismo da rolagem infinita tem como função primeira fazer que o interlocutor permaneça o maior tempo possível conectado, os algoritmos operam para fornecer conteúdos altamente individualizados, daí as postagens se basearem nos interesses já manifestos do usuário. Esse processo traz consequências importantes em vários níveis – sociais, cognitivos, psicológicos – do que advêm estudos e discussões nas mais diversas áreas. Para nós, interessa, neste artigo, os efeitos sobre o papel do interlocutor¹⁹ enquanto sujeito que interpreta.

Ao tratarmos do contrato comunicativo, destacamos que o interlocutor tem importante papel na interação, na medida em que sua ação para buscar sentido no dizer do outro respalda o ato comunicativo previsto no contrato. Há, portanto, uma participação importante do sujeito que interpreta. Além disso, quando falamos sobre a deslinearização promovida pela tecnodiscursividade, vimos que o interlocutor assume um papel ainda mais ativo, uma vez que, pelo uso de hiperlinks, pode criar um trajeto de sentidos que promove uma articulação temática “inovadora”, resultado direto de sua navegação.

Na rolagem infinita, a autonomia do interlocutor é reduzida drasticamente, uma vez que o trajeto não linear não mais é definido por ele. A regulação algorítmica parece imperar de um modo tal que acarreta considerável perda de autonomia do produzidor, que, em certa medida, volta a ser apenas usuário. Ao que tudo indica, nesse ambiente, há menos chance de se avançar no processo mais efetivo de construção dos conhecimentos, caso o sujeito não faça mais nada do que apenas “rolar infinitamente”.

6 Considerações finais

Buscamos, neste artigo, demonstrar que a prática tecnodiscursiva de rolagem infinita, a qual dita o procedimento de interação majoritário na plataforma *Instagram*, acarreta ações diferentes do interlocutor, as quais acabam por colocar em pauta o papel decisório da regulação algorítmica. Isso implica que, além dos locutores dos textos disponibilizados em um feed, uma instância discursiva “elevada” orienta o processo de interação e, dentro de sua proposta de influência, impacta o trabalho interpretativo do interlocutor, que assume um papel menos autônomo em relação a outros modos tecnodiscursivos do ambiente digital.

¹⁹ Entendemos haver uma importante discussão a ser feita quanto ao papel do locutor, da qual prescindimos por necessidade de recorte.

Evidenciar essa condição é um primeiro passo para importantes reflexões e tomadas de decisão futuras. Se considerarmos que “os dispositivos técnicos [...] têm um papel constitutivo de atividades cognitivas para a percepção, o raciocínio, a memória, a imaginação ou as interações” (LENAY, 2006, *apud* PAVEAU, 2020a, p. 19), é fundamental que se pense sobre os efeitos da prática de rolagem infinita na constituição discursiva dos sujeitos, para o que deve ser incluída, dentre outras condições, uma reflexão lúcida sobre práticas educacionais. Há, então, muito o que se discutir a partir da análise aqui evidenciada.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

VCF: Conceptualização, escrita do artigo, análise do *corpus*, revisão e edição do texto; **DLAH:** Escrita do artigo, análise do *corpus*, revisão e edição do texto.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

Não há.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Tradução de Eduardo Lopes Piris *et al.* São Paulo: Contexto, 2018.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to text linguistics*. Londres e Nova York: Longman, 1981.
- CARVALHO, Ana Paula Lima de. *Sobre intertextualidades estritas e amplas*. 2018. 135 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães, *et al.* *Linguística textual e argumentação*. Campinas: Pontes, 2020.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães, *et al.* *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes, 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. O contrato de comunicação na sala de aula. Tradução de Cristian Nicolas Gouraud. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2012.
- CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. *In:* GALVES, Charlot; ORLANDI, Eni Puccinelli; OTONI, Paulo (org.). *O texto: escrita e leitura*. Tradução de Paulo Otoni. Campinas: Pontes, 1988. p. 39-85.
- KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PAVEAU, Marie-Anne. Realidade e discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso. *In:* CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva (org.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Tradução de Jéssica Oliveira Fernandes e Rafael Lima de Oliveira. Campinas: Pontes, 2020a. p. 15-40.
- PAVEAU, Marie-Anne. Discursos e links. Hipertextualidade, tecnodiscursividade, escritura. *In:* CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva (org.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Tradução de Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. Campinas: Pontes, 2020b. p. 41-70.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SÁ, Kleiane Bezerra de. *Coerência e articulação tópica*: uma análise a partir de redações do Enem. 2018. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.